

Dados da Ficha	
Palavras-chave	Paisagem, hidroelétrica, brasileiros, colonos, transformação.
Entrevistado:	João Batista Mendes (JM)
Idade:	70 anos
Entrevistador:	Gil Karlos Ferri (GF)
Data da Entrevista:	02/10/2017
Transcrição da entrevista:	Mariana de Lorensi

JM – Eu sou paulista por causa do Fusca

GF – Pois é eu vi que é parecido, o pai disse vá de Fusca

JM – Eu sou Paulinho que me conhecem aqui(?)

GF – Pois é, eu acertei de vim de Fusca, porque aquelas que tão mexendo tchô do céu, cada atoleiro...

JM – Ali é.

GF – Aham. Então podemos começar hoje é dia 02 de outubro tamo aqui na localidade do Entre Rios, na casa do seu João pra entrevistar. Seu nome completo é?

JM – João Batista Mandes.

GF – O senhor nasceu quando seu João?

JM – Nasci 15 de julho de 1947.

GF – Certo. O senhor nasceu aonde?

JM – Nasci em Campos Novos.

GF – Campos Novos. No interior ou na cidade?

JM – Não, nasci na cidade.

GF – Aham. Certo, o senhor sempre foi agricultor?

JM – Olha o seguinte eu sai de Campos Novos com 8 anos de idade e daí vim...

GF – Aham.

JM – Pra agricultura, faz...

GF – Uhum.

JM – Deixe eu te dizer, faz 62 anos que eu tô aqui.

GF – Certo.

JM – Sempre na agricultura.

GF – E agora o senhor aqui pertence ao São João?

JM – Pertence ao São João.

GF – Opa, São João. Uhum, então o senhor vive a 62 anos aqui. Quando o senhor chegou aqui o senhor já era um menino por aí...

JM – Era!

GF – Como é que era a paisagem quem o senhor se lembre se fosse ver de novo aquelas mata, bicho, o que o senhor lembraria assim que tinha aqui no São João?

JM – Tinha bastante Pinheiro sabe...

GF – Uhum.

JM – Bastante Pinheiro, mato...

GF – Certo. Pinheiro, e de outras espécies que tinha assim de Madeira de Lei?

JM – Tinha bastante Angico, Cabriúva, Loro, essas madeira antiga sabe...

GF – Aham.

JM – Loro, Cabriúva, esses Cerne mais antigo tinha muito...

GF – Aham. O Cerne, eles usavam pra fazer palanque?

JM – Usavam pra palanque, fazer casa também né...

GF – Também eles usavam.

JM – Galpão, essas coisa de construir...

GF – As benfeitoria...

JM – É...

GF – Na propriedade...

JM – Chiqueiro, galpão, sempre o Cerne melhor pra fazer...

GF – Pra fazer daí...

JM – Oh, inclusive eu tenho dois esteio ali de Tarumã...

GF – Aham.

JM – E tem 60 ano, faz 50 ano que tá na minha mão...

GF – De quando o senhor chego fizeram.

JM – era do galpão, isso é Cerne de Tarumã...

GF – Sim!

JM – De Tarumã.

GF – Os dois. Se vê, e conheceu alguma serraria aqui pela região?

JM – Tinha uma serraria do seu Angelin Grassi.

GF – Angelin Grassi.

JM – Angelin Grassi e Vitório de Mattia.

GF – Era aonde mais ou menos?

JM – Era em Celso Ramos...

GF – Aham.

JM – Uma na entrada de Celso Ramos, ali perto do posto do Angelin...

GF – Aham.

JM – Deixe eu dizer pro senhor, uma era bem atrás do posto Atílio Guarda...

GF – Certo.

JM – Ali que era...

GF – Aham.

JM – De Campos Novos, e a outra na saída de lá assim pra dentro, fora do seu Vitório...

GF – Certo.

JM – Então oh, a do seu falecido Angelin era aqui que era o pai dos piá que são dono do posto, que são os dono da oficina.

GF – Sim, aham.

JM – E do falecido Vitório era pra dentro lá aonde que tem uma igrejinha de crente sabe tinha...

GF – Uma baixada...

JM – Uma baixada era duas serrarias...

GF – Aham. E eles tiravam os Pinheiros daqui também?

JM – Tiravam os Pinheiros daqui também.

GF – Na época era Pinheiro marcado, como?

JM – Não era tudo Pinheirão na época...

GF – Você quando chegaram ainda tinha...

JM – É quando cheguei aqui eles tinham vendido tudo...

GF – Aham.

JM – Comecemo a comprar os Pinheiro com o meu pai...

GF – Já...

JM – Os Pinheiro tinha um Pinheirinho que eu tinha dentro da lavoura, tinham vendido tudo...

GF – A maioria tinha ido.

JM – Já tá...

GF – Já tinham limpado no caso.

JM – É tem até estaleiro aqui pra trás aonde que os caminhão chegavam aqui pra trás...

GF – Aham. Pra carregar as toras...

JM – Sim, pra carregar as toras.

GF – Se vê, o que eles faziam na época que tão ali o senhor falou que eles tinham vendido?

JM – Eles serravam sabe, eles serravam pra construir casa, naquela época serravam tudo taboa de 30, tudo taboa larga, não era que nem hoje.

GF – Aham.

JM – Tabuinha estreita era taboão

GF – Pranchão de madeira...

JM – Os pranchão vinha os barrotes pra você fazer casa, tudo, descarga do alinhamento

GF – Sim!

JM – Tudo eles vendiam dessas ali...

GF – O que mais o senhor notou que mudou se o senhor fosse ver assim de quando o senhor era novo e passa pra essa estrada aí de novo, o que o senhor mais vê que mudou?

JM – O que mudou foi o seguinte, depois da barragem...

GF – Uhum.

JM – Antes da barragem nós prantava o nosso feijão ali por 2, 5 de setembro o nosso clima...

GF – Aham.

JM – Já saía o verão do inverno... (barulho de ganso)

GF – Sim!

JM – Daí depois das barragem mudou muito porque o inverno é curto e o verão muito forte...

GF – Sim!

JM – Esquento mais...

GF – Esquento.

JM – E naquela época saía o verão assim final de agosto, setembro você já podia prantar já...

GF – Tipo agora...

JM – O Feijãozinho já tava tudo prantado nois tamo em outubro...

GF – Sim!

JM – Então naquela época o se já tinha milho grande, moranguinha grande, pepino grande tudo essa coisa, feijãozinho grande que nois trabaiá, o meu pai e o meu avô ensinaram pranta bem no cedo...

GF – Aham.

JM – E a gente não tinha trator sabe...

GF – Sim!

JM – Era junta de boi, então a gente fazia assim, então mudo pelo seguinte, quando foi feita essa barragem de Itá depois veio a de Machadinho...

GF – Sim!

JM – Aí já mudou bastante o clima...

GF – Os mato...

JM – Aí já abriu uma serração muito grande dessa barragem aqui no inverno...

GF – Aham.

JM – Daí aquela serração danada que vem aí sabe...

GF – Aham.

JM – Às vezes esse piso amanhece que tá tudo alagado

GF – Aham. Tá na caia do rio...

JM – Tá na metade do rio...

GF – Aham.

JM – Hoje não se vê quando o tempo tá pra chuva, o qualquer vento que dê ela se extravía...

GF – Porque o lago tá aqui mais no nível da...

JM – O lago subiu muito, sabe...

GF – Sim!

JM – Então o que mudou na verdade foi isso sabe...

GF – O senhor, aham, dá pra analisar isso no clima....

JM – No clima, exatamente.

GF – Aqui até o senhor já tinha falado antes, a sete, como é a agricultura na propriedade de vocês, então era junta de boi, os cabo, o arrado...

JM – A enxadinha, a foice, porque naquela época ninguém tinha trator não tinha nada né...

GF – Aham, sim! De início só...

JM – Só isso ali.

GF – Só no arado. E faziam muita roça?

JM – Fazia, nois fazia com o meu pai oito alqueire de roça; nois prantava dez, doze; aqui as vezes nos produzíamos nosso trigo daqui, ele ia pra Joaçaba...

GF – Sim!

JM – Aqui a nossa farinha crioula...

GF – Se vê tudo isso produzia aqui.

JM – Mas nós produzia aqui, nós tirava o trigo do gasto e mais o resto vendia, nós produzia muito trigo...

GF – Então você era os que produzia mais trigo aqui...

JM – Aham.

GF – Não era muitos que faziam isso né?

JM – Não, bastante gente aqui.

GF – Bastante aqui no Entre Rios.

JM – Gente produzia bastante trigo, bastante arroz...

GF – Aham.

JM – Que hoje o arroz tá com a extinção...

GF – É.

JM – É poucos que produzem o arroz é.

GF – E, é mais aquele de água né, perto de lajeado.

JM – É, e a gente produzia aquele arroz enxuto, aquele arroz muito gostoso.

GF – Aham. Diferente já...

JM – Diferente, e daí tinha descascador, tudo.

GF – Aquele da colônia mesmo?

JM – É, o dá colônio.

GF – Se vê!

JM – A gente na verdade vivia outra vida sabe, que não é esse produto, esse produto que nós temo hoje...

GF – Sim!

JM – Você sabe como é?!

GF – Tudo na indústria de mistura. Dado, aquele arroz não é natural o branquinho dele...

JM – Não é.

GF – É tudo numa coisa que eles fazem, aham. E como é que o senhor avalia a relação de antigamente entre os brasileiro e os colono italiano quando vieram, que vieram depois né, o senhor avalia que foi bom de início o eles se desentendiam um pouco?

JM – É né, o seguinte a gente custo a acostumar a linguagem deles...

GF – Uhum.

JM – A gente brasileiro, eles italiano, mas só que daí foi o seguinte, brasileiro era pouco, mais era eles os italiano...

GF – Sim!

JM – Daí tudo mundo se deu as mãos, e todo mundo é amigo...

GF – Misturo também, né?!

JM – Misturo tudo, na família você pode ver tem um brasileiro, tem outro italiano, hoje é...

GF – Daí não tem muito nem como mais ter tanta diferença...

JM – Não tem!

GF – É, misturo.

JM – Misturo!

GF – A nove já, quais os benefícios e os prejuízo na construção da barragem que o senhor no teu entendimento?

JM – Olha, é o seguinte quem saiu por exemplo que nem meus irmão e minha mãe que saiu...

GF – Aham.

JM – Eles venderam na época barato, mas se colocaram que nem meus subrinhos lá em Curitiba...

GF – Aham.

JM – Se colocaram bem né, porque daí eles venderam esse terreno aqui pra BAESA, pra Camargo, os cara da BAESA que é dono...

GF – Sim, na época.

JM – Da barragem, aham, sim e tão lá em Curitiba, na verdade tem uns quantos vizinhos meus aqui, tem uns dez vizinhos meu aqui que tão em Curitiba...

GF – Naquele reassentamento dela...

JM – Naquele reassentamento.

GF – eu tenho um tio da minha namorada que tá lá, o Silvio Bom.

JM – Ah eu conheço...

GF – Conhece do, da filha do Ivo Delorenzi...

JM – Conheço.

GF – E lá né?

JM – É.

GF – Lá, muito bom as terra.

JM – Exatamente.

GF – Então essa é uma das parte boa.

JM – É pra quele pessoal...

GF – Aham.

JM – Aquele pessoal que trabalhava na beira do rio por exemplo, que adquiriu aquele terrenam hoje faça conta, um terreno de máquina, então pra essa gente que saiu melhorou muito...

GF – Sim!

JM – Melhorou muito.

GF – Sim, e as partes ruim que o senhor analisa?

JM – Ah tudo tem uma parte boa ou ruim...

GF – Tudo né.

JM – As parte ruim por exemplo, é quem ficou e não foi indenizado tem que guentar as ponta...

GF – Aham, é.

JM – Não tem jeito.

GF – E a última, hoje em dia como que o senhor analisa a relação do pessoal de Celso com a natureza, melhorou, piorou, a turma antigamente caçava mais ou menos hoje em dia, o que o senhor analisa?

JM – Hoje por causa por exemplo, por causa do meio, do meio ambiente...

GF – Aham.

JM – E esse negócio de fiscalização o pessoal respeita muito né...

GF – Aham.

JM – Muita pouca gente caça.

GF – Então foi uma mudança agora que o senhor analisou...

JM – Foi uma mudança. Antigamente não tinha um veadinho, um tatu opa a gente, hoje já tem...

GF – Sim! Significa que deram uma repovoada.

JM – É aqui já no meu sítio eu proíbo, de não deixa caça sabe...

GF – Aham.

JM – Porque se não termina né tudo né, de repente um neto não vê, então a gente já...

GF – Uhum.

JM – Deixa criar os bichinho né...

GF – Aham. Tem mais criação. Mais é isso aí, concluimo a entrevista seu João, brigado pelas informação...

JM – De nada!

GF – E agora nós vamos fazer as anotação aqui pro senhor ter uma cópia também do que foi feito aqui.

